

O lugar social das emoções na investigação em ciências sociais: Reflexão em torno de uma diligência em sociologia ¹

Sofia Lay Amândio²

Reflecte-se neste texto sobre proposições fundadas no inquérito sociológico. Tendo por mote a investigação: *O lugar social das emoções na investigação científica em ciências sociais* (Amândio, 2002), busca-se, recuperando objectos e materiais já constituídos, aprofundar a sua interpretação. O argumento aqui exposto, trazido para o espaço de reflexão pelos investigadores investigados, pretende contribuir para um modo de pensar a relação complexa entre emoções, razão ou racionalidade, e investigação em ciências sociais.

Explorando as transformações da economia psíquica, das estruturas da personalidade, através da constituição e da consolidação do Estado moderno que sofre, pela monopolização da violência psíquica legítima, uma pacificação da vida social e uma civilização de costumes, Norbert Elias estudou a psicologia do polimento, das boas maneiras, do autocontrolo das pulsões e do controlo das emoções.

Perspectivamos a estruturação de emoções no decurso do «processo civilizacional» à luz da obra do autor. A consciência evolui no sentido de uma racionalização, operada por entre avanços e recuos ao longo de vários séculos (Elias, 1990). A reorganização da sociedade, das relações humanas, bem como da vida afectiva do indivíduo, deverá nesta esteira ser pensada através da relação entre racionalização da consciência e sua permeabilidade face a emoções.

A modelação da vida pulsional, que costumamos designar por vergonha e embaraço, não é menos característica do processo civilizacional que a racionalização do comportamento (Elias 1990). São, de forma muito curiosa, as próprias emoções que nos empurram para a sua racionalização. Tal ideia subjaz, em nosso entender, a explanações específicas em Erving Goffman, Thomas. J. Scheff e Pierre Livet. Goffman diz-nos que o embaraço suporta o compromisso do indivíduo com a organização social, com valores e regras. O embaraço funde o comportamento individual em áreas sociais que estrangimentos formais e institucionalizados não alcançam (Scheff, 2002:137).

Scheff demonstra isso mesmo. O sistema deferência-emoção ocorre não apenas dentro e entre interactuantes, mas continuamente, mesmo quando estamos sozinhos. Os membros experienciam este sistema como uma conformidade compelativa perante normas exteriores ao self, através de recompensas informais (a deferência exterior e o respectivo orgulho interior); e através de sanções (ausência de deferência, e a respectiva vergonha). O grau e tipo de deferência, e as respectivas emoções de orgulho e vergonha, constituem um sistema subtil de sanções sociais. Os nossos pensamentos e percepções sobre as expectativas sociais permitem o controlo social. Mas ao contrário do sistema de sanções, o sistema deferência-emoção é instantâneo e invisível. A sua falta de visibilidade torna difícil a sua descrição, dado ser tão adquirido (Scheff, 1990: 71-95).

Livet (2002) corrobora esta mesma ideia, indicando ser necessário mostrar de que modo as emoções fazem parte da cognição, e como se articulam com a nossa racionalidade. Elas parecem ser sinais de alarme, que nos avisam que os nossos desejos e expectativas estão desajustados à realidade que nos rodeia, e que é necessário revê-los.

Formatadas no processo civilizacional, por força, nomeadamente, das próprias emoções, não são controladas *ad libitum*. Podemos enformá-las, mas não suprimi-las completamente (Amândio, 2002). *These conscious 'emotion work' strategies (...) are not always successful.*

¹ Palavras-chave: emoções, racionalização, práticas sociais científicas.

² Socióloga. Mestranda no Curso de Mestrado «Sociedade e Conhecimento».

Investigadora Assistente no SociNova – Gabinete de Investigação em Sociologia Aplicada. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
sofia.amandio@fesh.unl.pt

Emotion constantly evades our attempts to govern it (Lupton 1998: 169). Ainda, nem todo o comportamento é determinado por emoções (Scheff, 1997: 1-69). Modificadas socialmente, as emoções, tal como a percepção e a cognição, estão presentes em quase todos os comportamentos.

Se a decisão da moderação da dor, do júbilo, ou da fúria nem sempre resulta na sua coibição efectiva, por outro lado, David de Breton lembra que nas sociedades modernas ocidentais, demasiada contenção indis põe e incorre o indivíduo no risco de uma reputação de insensibilidade (Breton, 2001 [1998]: 119). A valorização da expressão emocional é, também ela, trabalhada por N. Elias. Podemos acompanhar hoje a evolução do processo civilizacional - de contenção das funções corporais, da interiorização de constrangimentos, das significativas transformações nas formas de expressar agressividade e violência - que incorpora de modo concomitante o relativo relaxamento da moral associado ao que designa «a sociedade permissiva». Os relaxamentos actuais, explica Elias (1990), não são mais do que um jogo com normas de tal forma incorporadas que permitem uma certa margem de liberdade, que não coloca em causa o nível de sensibilidade colectivamente alcançado.

(Ex)posto isto, se os indivíduos estão não raras vezes conscientes das decisões que precisam tomar acerca das emoções que sentem, em particular quando identificam uma emoção que parece especialmente intensa, invulgar ou potencialmente disruptiva (Lupton 1998), as estratégias de trabalho emocional nem sempre são bem-sucedidas, almejadas, ou mesmo conscientes. Quando não conscientes são estruturadas por força do trajecto social do indivíduo.

As emoções estruturam-se socialmente. Podemos então eduzir que assumem diferentes gradientes? Para A. Damásio (2000) uma das questões no estudo das emoções prende-se com a modificação ou não da emoção através da experiência: as emoções primárias (alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa ou aversão) estão pré-organizadas. As emoções secundárias (vergonha, ciúme, culpa, orgulho) são modificadas através da aprendizagem³. Obsta que nem todos os investigadores das emoções consideram esta distinção digna de valor, e entre aqueles que a consideram não existe grande concordância a respeito de quais são as emoções primárias (Kemper 1987; Ortony, Clore e Collins 1990: 25-29 citados em Barbalet 2001).

Aproximamo-nos de Breton, quando afirma que a simples identificação das emoções de base é contrária à realidade concreta das sociedades humanas. É uma má questão para a qual talvez não tenhamos resposta (2001: 167-168). Estudando as emoções enquanto formatadas socialmente⁴, consideramos que a sua abordagem não apenas realça a compreensão das emoções como também enriquece a nossa compreensão do indivíduo, das relações e da estrutura social.

As referidas formas de domínio de emoções são equacionadas por Anthony Giddens ao nível da segurança ontológica na vida de todos os dias. Pela pena do autor: *As rotinas adquiridas, e as formas de domínio a ela associadas (...) são constitutivas de uma aceitação emocional da realidade do “mundo externo”* (2001) [1991]: 39). *As pessoas lidam com os perigos e os medos a eles associados em termos das “fórmulas” emocionais e comportamentais que se tornaram parte do seu comportamento e pensamento de todos os dias* (idem : 41). *A manutenção de hábitos e rotinas é um bastião crucial contra ansiedades ameaçadoras, mas por isso mesmo é, em si, um fenómeno cheio de tensão* (idem : 36).

Alicerçando-nos em Lupton, e extravasando com base no seu contributo, podemos de igual modo encontrar, no teor e activação do «sentido de adequação», factores de tensão e ansiedade. Se de um lado este nos securiza, de outro, a sua pluri-referencialidade e convocação puxa-nos no sentido inverso. Como indica a autora, o moderno não se define apenas pelo controlo racional, mas por um novo poder de auto-expressão e envolvimento com os seus sentimentos, e conjura-se numa permanente tensão entre o privilégio da racionalidade e a

³ A. Damásio arruma ainda as «emoções de fundo», tais como o bem-estar ou o mal-estar, a calma ou a tensão. Acrescenta ainda que o rótulo de emoção também tem sido aplicado a impulsos, motivações e a estados de dor e prazer.

⁴ Se estas terão uma dimensão neurológica, biológica, e, quiçá, tecnológica, este não é um seu espaço de estudo.

expressão de afectos (Lupton, 1998: 83). Ainda, *Ser uma pessoa civilizada em termos da apresentação do eu emocional significa saber quando é oportuno coibir a expressão de emoções e quando é apropriado revelá-las e agir de acordo com o contexto* (Lupton, 1998: 172). A busca constante desse sentido de adequação, e a percepção e sentimento do seu sucesso ou insucesso é factor de ansiedade.

Torna-se peculiar perceber que a afectação mútua entre emoções e racionalidade atravessa caminhos tortuosos. A designação da modelação da vida pulsional por vergonha e embaraço; um bastião contra ansiedades ameaçadoras vivido como um fenómeno repleto de tensão; a pluri-referencialidade e accionamento do sentido de adequação enquanto factor de ansiedade, constituem uma expressão bem acabada da complexidade desta imbricação: se as emoções nos empurram para a sua racionalização, os próprios mecanismos de racionalização despertam emoções.

Adiante. Prossigamos na argumentação constituindo (o que é lícito interpretar dos nossos materiais sobre) a investigação em ciências sociais como observatório do modo de relação entre emoções e racionalidade proposto.

O cientista social, ao longo do seu trajecto social, estrutura-se em afectação mútua com múltiplas figurações interdependentes (no sentido de Norbert Elias). Considerámos no estudo *O lugar social das emoções na investigação científica em ciências sociais*, de modo central, as figurações sociais científicas, estruturadas pela presente ondulação do processo civilizacional. O maior ou menor distanciamento inerente ao processo de construção científica é pautado por um percurso tecido numa figuração científica (Amândio, 2002).

No seio deste processo inscrevem-se dinâmicas entre figurações, complementares e interdependentes entre si. Certas figurações constituem sub-figurações de outras figurações. Uma equipa de investigadores envolvidos num projecto científico, encontra-se enredada numa figuração disciplinar (como a sociológica), que constitui uma sub-figuração da figuração das ciências sociais. Mantendo-nos fiéis a esta mesma lógica, referimo-nos à teia universitária, de produção cultural, de poder, que faz, ela própria, parte da configuração social. (Des) arrumadas quase em jeito de matrioscas, são actualizadas por figurações sociais individuais que produzem práticas sociais científicas (idem).

Os laboratórios académicos [*locus de construção de factos científicos e de estilos de pensamento* (Diego, 1996:7 ss, citada em Conde, 1998:194) – onde ancoram os projectos de investigação com os quais os investigadores investigados mantêm vínculos, quer formais quer informais, enquadram-se, institucionalmente, directamente em departamentos; faculdades ou universidades. Se o laboratório se defende a si próprio no que respeita à investigação em ciências sociais - enquanto «carapaça administrativo-institucional» ou centro de recursos logísticos, enquanto espaço de encontro e de troca de ideias que autoriza a construção de um tipo de poder específico com base na presença no espaço (Amândio, 2002) - consideramos que mais interessante que estudar o laboratório, revelou-se, contudo, estudar as práticas sociais científicas realizadas no âmbito do(s) projecto(s), dada a sua lógica estruturante (idem).

Foco, então, centrado no conceito de «práticas sociais científicas», proposto por José Madureira Pinto e instrumentalizado por nós. Entendemos à luz da perspectiva do autor que as ciências são práticas não redutíveis ao accionamento apenas dos saberes teóricos. Insurgimo-nos deste modo em detrimento de expressões como «prática teórica» ou «prática dos teóricos» (Pinto, 2001:36-37). As ciências são conjuntos de práticas sociais, científicas:

A ciência reproduz operações cognitivas da experiência comum, mas por uma forma sui generis. Fazemos a cada momento hipóteses, somos solicitados a provar o que avançamos, servimo-nos de instrumentos, experimentamos, comunicamos o que sabemos. Aquilo que caracteriza a ciência é introduzir constrangimentos suplementares que transformam todas estas práticas (Gil, 1999:11, citado em Pinto, 2001).

Enquanto práticas sociais, as práticas científicas despertam emoções, trabalhadas de um modo específico.

Madureira Pinto prossegue por uma intervenção a um tempo ousada e realista sobre as condições de emergência e exercício efectivo dos «controles» e «interesses de conhecimento», que fazem das ciências uma actividade com objectivos e regras próprias e dotadas, além disso, de argumentos explícitos e permanentemente expostos a refutação (Pinto, 2001: 54-55). Sendo as grandes tendências do desenvolvimento científico determinadas pela globalidade de condições sociais em que se inscrevem; sendo o sentido da sua transformação influenciado pelas características dos recursos intelectuais, disposições profissionais e protocolos comunicacionais aí difundidos e provisoriamente validados, será lícito falar em «autonomia relativa» da prática científica e até, da «autoconstrução» da razão científica:

(...) quando um conjunto de instrumentos de inteligibilidade surge na dinâmica de pensamento de uma disciplina científica, e desde que sejam garantidas algumas condições sócio-institucionais e organizacionais, ele tende a ser incorporado no ethos e habitus específicos dos seus protagonistas e a exercer, por essa via, funções de regulação e integração cognitiva e social que se transmutam numa espécie de «vontade de verdade» e de «objectividade» constitutiva de uma «razão prática» peculiar (Pinto, 2001:37).

Razão científica, ou, talvez mesmo, racionalização científica. A especificidade do modo como as experiências cognitivas se reproduzem da experiência comum, agenciada em figurações científicas onde se operam controles e interesses de conhecimento tece-se na trama de um processo mais amplo, que nos permite sugerir uma racionalização científica. Sendo a racionalidade e as emoções dimensões características de um mesmo processo histórico, no seio do qual se constitui o pensamento científico, as posições científicas, ainda que mais distanciadas, não exigem o total apagamento das formas mais envolvidas ou afectivas de abordagem (Elias, 1997).

Elias demonstra a integração das práticas, expressões e sentimentos: quando as formas de expressão emocional mudam, também muda o sentimento do que é agir em determinadas situações. As formas de expressão nas práticas sociais mudam consoante “o que é permitido e o que não o é”. São experienciadas de modo diferente ao nível emocional, associado a diferentes sentimentos e pensamentos (Burkitt, 1997: 37-55). Situadas num lugar de intersecção entre figurações científicas, as práticas sociais científicas estão associadas a expressões emocionais mais ou menos pacificadas, bem como a percepções e sentimentos sobre o modo de as constituir. Percepções e sentimentos que funcionam como pressão para a sua racionalização. O conhecimento científico constitui-se, assim como outras instituições modernas, como um dos elementos de um aparelho de controlo, de disciplina e de regulação que asseguram a ordem, através de uma micro-política da disciplina, na qual as pessoas são moralmente reguladas para a conformidade (Rodrigues, 1997:116-117).

O processo de investigação, tecido em modelo serendipitado, rasurado, nunca acabado, toma forma num tear onde a presença de emoções é monitorizada em jeito de diligência. Arrumado pelos cientistas sociais estudados, este processo articula-se em contextos plurais. Apontamos aqui alguns. O contexto em que as práticas de pesquisa empírica (observação e / ou inquérito) se inscrevem, caracteriza-se pela valorização da expressão emocional e da informalidade: momentos de prazer, entusiasmo pelo encontro com a realidade social, e, acima de tudo, por momentos de interacção, e por vezes afectividade com os investigados. Interações sociais cujas propriedades estruturais determinam experiências emocionais, e também a inclinação para determinados rumos de acção (Barbalet, 2001 [1998]: 47).

A escrita - enquanto processo de edificação e materialização de inquietações, questões, problematizações e perspectivas heurísticas - é sentida como algo doloroso e por vezes solitário⁵. Foi curioso perceber que, embora estes momentos dolorosos e de solidão sejam

⁵ A questão da solidão, trazida para o contexto de reflexão pelos investigadores investigados, não se esgota de todo aqui. Esta deverá, num outro contexto de investigação, ser agenciada num entendimento de laços sociais tecidos na trama das figurações sociais científicas, ou, como conceptualiza Scheff, dos gangs académicos: we live in a civilization in which it is difficult to obtain secure and rewarding relationships to

apresentadas como conscientes, e associadas a um concomitante exercício de distanciamento, não foram apontadas técnicas particulares de autocontrolo⁶. Esta é no entanto, como veremos adiante, uma técnica de controlo.

Se as práticas científicas empíricas de terreno, porque geram interdependência, geram dependência, as práticas de escrita, se não necessariamente solitárias, são consideradas práticas individuais, mesmo que inseridas em projectos de equipa. Emergindo mesmo quando o ser social está sozinho, a emoção enquanto acção, no sentido conferido por Lahire (1998), implica igualmente imaginar mentalmente uma situação. Esse seria um aspecto a desenvolver no estudo de práticas sociais científicas, dada a centralidade que a imaginação sociológica desempenha.

A relação tensional entre envolvimento e distanciamento - equacionamo-lo em jeito de proposição - encontra igualmente expressão no modo como vigora uma certa paixão pelo modo como o saber produzido é sistematizado, organizado, e enquadrado intelectualmente.

Desarrumadas em si, e arrumadas por nós, procurámos compreender práticas de comunicação científicas específicas: De que modo os investigadores investigados moldam as suas emoções no plano da consciência, em situação de defesa de provas públicas e em situações de comunicação em eventos de cariz científico. Acontecimento cuja formalização, em si, é percebida e sentida como um gatilho de tensão, à uma pacificado e agravado pela busca constante do referido sentido de adequação ao contexto. Aquilo que N. Elias designa por comportamento com componente de sobrevivência apropriada a uma situação específica (Elias, 1987:339-361).

As próprias emoções, como anteriormente sugerido, apelam à sua racionalização. Os geradores de emoções, indissociáveis dos mecanismos de controlo accionados sobre eles, que, embora nem sempre eficazes, funcionam como instrumento de gestão de emoções que pululam por entre práticas e interacções. A preparação da comunicação funciona como elemento securizante, como instrumento de economia de nervos, inseguranças, e medos.

Interpretamos os momentos de preparação da comunicação, fundados na leitura crítica que J. Barbalet e W. James tecem sobre o conceito de acção racional e emoção em M. Weber. Max Weber, quando expõe de modo ideal-típico as quatro determinantes principais da actividade social, distingue e define aquilo a que chama um determinismo afectivo das condutas sociais, onde as paixões, as emoções e os sentimentos desempenham um papel fundamental. Não obstante, Weber prossegue: para que um acto seja racional, o seu fim deve ser «claramente consciente e pretendido» e os meios a aplicar para atingir esse fim devem ser seleccionados com base num «conhecimento preciso» ([1905a] 1975: 186, citado em Barbalet [1998] 2001)⁷.

Se Weber indica que a racionalidade enquanto sistematização e enquanto coerência lógica são racionais pois levam à intencionalidade na acção, William James indica que, na realidade, Weber descreve existir uma paixão humana pela clareza e pela ordem (James [1909] 1932: 22, citado em Barbalet [1998] 2001). Ao fornecer ao actor um sentimento de controlo

others, even under the best of conditions. (...)The emotional function of the gang and clan is to remove the crushing burden of isolation created by esoteric knowledge (Scheff, 1995: 157-162).

⁶ Relegamos contudo esta questão para uma dimensão metodológica. Articulando dois momentos relativos à análise compreensiva do material (o contexto em que os discursos pautados por motes de reflexão foram produzidos; o conteúdo dos discursos em si), procuramos devolver à análise de conteúdo a sua pertinência; circunscrever as potencialidades do lugar da observação. Deste modo, interpretamos tais resultados como o produto do modo como as emoções foram ambos abordados do ponto de vista do discurso e do ponto de vista dos discursos emotivos, no sentido de Miguel Vale de Almeida (2000).

⁷ Os motivos, as decisões e os cálculos são aspectos do pensamento e processos cognitivos em geral que tornam a acção racional. Em oposição às deliberações da racionalidade encontra-se a compulsão da emoção, a sua irresistibilidade. Mas, segundo Weber, as emoções ou sentimentos não são apenas vagas, se bem que compulsórias: são fundamentalmente imperfeitas. As emoções são forças espontâneas e impulsivas que distraem uma pessoa dos seus objectivos. Weber ([1905a] 1991: 136 citado em Barbalet [1998] 2001) refere-se aos «elementos emocionais» como «anti-rationais».

sobre o futuro, estas paixões, emoções ou sentimentos produzem no presente um sentimento de racionalidade (Barbalet, [1998] 2001)⁸.

Uma das ferramentas de preparação das comunicações em eventos de cariz científico ou prestação de provas públicas, associada ao gosto pela clareza e ordem do discurso sistematizado, assenta no suporte escrito. As práticas de escrita podem constituir, em certos casos, técnicas de auto-constrangimento (Lahire, 1998). A escrita permite gerir de maneira mais precisa e ordenada o discurso.

Em situação de comunicação, o accionamento de um sentido de adequação, em si pluri-referencial, funciona como instrumento de controlo, consciente e não consciente (por força do seu trajecto social enquanto figuração individual). Tal não significa necessariamente que os actores não almejem expressar emoções.

Após tentarmos conhecer e compreender quais as emoções despertadas e enformadas pelas práticas científicas situadas contextualmente, procurámos compreender a sua interferência nas características do saber científico produzido. Emoção e razão são pensadas, porque sentidas, enquanto linhas com as quais se tece o tecido científico, num tear que isso autoriza (Amândio, 2002). Não apenas porque um certo envolvimento (Elias, 1997) é inelutável, mas porque ele próprio favorece o investimento na produção de práticas, e deste modo se cristaliza no saber produzido.

Colocamos como proposição que para realizarem práticas (sociais) científicas os actores sociais estão não só empenhados nos objectivos a elas intrínsecos, mas igualmente empenhados em evitar objectivos extrínsecos e distractores. Assim, além das emoções facilitadoras particulares que funcionam como uma motivação à acção instrumental, tal como o orgulho⁹ na perícia e capacidades que se tem, a satisfação e prazer no trabalho, a aversão ao desperdício de materiais e de tempo, etc., existe também uma necessidade de distância emocional de emoções potencialmente perturbadoras que um envolvimento maior com os outros poderia acarretar. Aproximamo-nos deste modo de B. Lahire, quando se refere ao gosto pelos prazeres extraescolásticos associados à sociabilidade de grupo ou ao uso relaxado do tempo (Lahire, 1998: 76-79). Trata-se, no exercício da investigação, de recalcar ou de inibir disposições hedonistas, tendo consciência que elas vêm jogar contra uma parte de eles mesmos que deseja trabalhar.

As práticas sociais científicas parecem mover-se pela busca de um tipo específico de tensão, bem como pela canalização e transformação de algumas energias tensionais na expressão de uma actividade satisfatória para o indivíduo e extremamente fecunda para a sociedade.

Quando consciente das suas emoções, o cientista social identifica-as e gere-as, por força (nomeadamente) das próprias emoções que emergem com a realização de práticas científicas e que empurram o cientista social para a sua racionalização. Isto, em maior ou menor conformidade perante as «vontades de vontade e de «objectividade» produzidas no seio da «autonomia relativa» da racionalização científica. Podem, não obstante, escapar ao controlo; Quando não conscientes e inquestionadas serão enformadas por força do seu trajecto social, em particular, em figurações científicas.

⁸ Situando a racionalidade instrumental como uma especificidade da sociedade industrial, onde as situações de vida humana são controláveis, fabricáveis, praticáveis e explicáveis, Ulrich Beck (Beck, Giddens, Lash, 2000 [1994]) aponta que o seu triunfo desembocou, na sociedade de risco, em efeitos posteriores, não decididos. Foi conducente a uma sociedade em que os efeitos desta exigência de controlo se tornam imprevisíveis, secundários e posteriores, e conduzem, por seu turno, ao próprio domínio da incerteza e da ambivalência, constituídos objecto de reflexão.

⁹ Uma pessoa que acarinha com sucesso um sentimento de orgulho do self é alguém capaz psicologicamente de sentir que a sua biografia é justificada e unitária. Fundado no laço social, o orgulho é sempre vulnerável às reacções dos outros. Contudo, um sentimento estável pressupõe uma aceitação da realidade das coisas e dos outros, mas não pode derivar directamente deles (Giddens 2001). A emoção particular 'orgulho' poderia, deste modo e noutro contexto de análise, ser estudada por relação ao reconhecimento em figurações científicas.

Considerando que tão ou mais interessante que superar modos de pensamento clivados, é promover inquéritos no sentido de tecer propostas para a sua articulação, reflectimos neste texto sobre diferentes dimensões da afectação mútua entre emoções e racionalidade, tomando por observatório o contexto da investigação em ciências sociais por nós estudado.

Com base em material empírico sobre estruturação emocional e racionalizada de práticas sociais científicas (escrita, incursão no terreno, comunicação dos saberes científicos produzidos), bem como de pensamentos e sentimentos dos cientistas sociais investigados sobre o saber heurístico que produzem, propomos questões que procuramos trazer para o espaço de reflexão e debate.

Ainda que a sensibilidade colectiva e individualmente alcançada, intergeracionalmente transmitida e alimentada, por entre avanços e recuos, ao longo de cerca de nove séculos, seja uma realidade diacrónica e sincronicamente constituída, o privilégio da racionalidade e a expressão de emoções coexistem de modo tensional, quer no passado, quer no presente enquanto história.

Feitas câmara da racionalização da consciência, bem como da sua permeabilidade (face, nomeadamente) ao prazer, à paixão, a ansiedades e a tensões, as figurações sociais científicas, actualizadas mediante práticas produzidas pelos cientistas sociais investigados, participam no modo como as emoções-racionalizadas constituem a estrutura social.

Bibliografia

- ALMEIDA, Miguel Vale (2000). *Senhores de Si, Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século, Antropológica.
- AMANDIO, Sofia Lay (2002). Dissertação de Licenciatura em Sociologia: *O Lugar Social das Emoções na Investigação Científica em Ciências Sociais*. Tese de Licenciatura, realizada sob orientação dos docentes Prof. Doutor José Manuel Resende e Dr. João Sedas Nunes, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (não publicada).
- BARBALET, J. M. ([1998] 2001). *Emotion, Social Theory and Social Structure: A Macrosociological Approach*. New York: Cambridge University Press.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth (1995). *The Normal Chaos of Love*, Polity Press. Oxford.
- BOURDIEU, Pierre (1998). *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta.
- BRETON, David le (2001 [1998]). *Les Passions Ordinaires*, Paris, Armand Collin.
- BURKITT, Ian (1997), «Social relationships and emotions», in *Sociology*, vol. 31, pp. 37-55.
- CONDE, Idalina, «Artistas e cientistas: retracto comum», in VIEGAS, José Manuel Leite; COSTA, António Firmino da (1998). *Portugal, que modernidade?*, Oeiras, Celta, pp.165-207.
- CRAIB, Ian (1995), «Some comments on the sociology of the emotions», *Sociology*, vol 29, nº1 pp. 151-158.
- DAMÁSIO, António R., (2000) *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*, Mem Martins, Fórum da Ciência, Publicações Europa-América.
- ELIAS, Norbert (1987). «On human beings and their emotions: a process-sociological essay», in *Theory, culture & society*, vol. 4, nºs 2, 3, pp. 339 – 361.
- ELIAS, Norbert (1989 [1939]). *O Processo Civilizacional, Investigações sociogenéticas e psicogenéticas*, I Volume: *Transformações do comportamento das camadas superiores seculares do ocidente*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

- ELIAS, Norbert (1990, [1939]). *O Processo Civilizacional, Investigações sociogenéticas e psicogenéticas*, II Volume: *Transformações da sociedade, esboço de uma teoria da civilização*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (1992). «A busca da excitação no lazer»; «O lazer no espectro do tempo livre» in *A Busca da Excitação*, Trad. De Maria Manuela Almeida e Silva, Lisboa, Memória e Sociedade, Difel.
- ELIAS, Norbert (1997). *Envolvimento e distanciamento. Estudos sobre sociologia do conhecimento*, Lisboa, Nova Enciclopédia, Publicações Dom Quixote.
- GAUTIER, Claude; GRANDMAISON, Olivier Le Cour (2002). *Passions et Sciences Humaines*, CURAPP - Centre Universitaire de Recherches Administratives et Politiques de Picardie, Picardie, Puf, Presses Universitaires de France.
- GIDDENS, Anthony (2001 [1991]). *Modernidade e Identidade Pessoal*, Tradução de Miguel Vale de Almeida, Oeiras, Celta.
- GIL, Fernando (org.) (1999). *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia / João Sá da Costa.
- KAUFMANN, Jean-Claude (1996). *L'entretien compréhensif*, Collection 128, Paris, Éditions Nathan.
- LAHIRE, Bernard (1998). *L'homme pluriel. Les ressorts de l'action*, Paris, Nathan Université.
- LALANDA, Piedade (1998). «Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica», in *Análise Social*, vol. XXXIII (148) (4º), pp. 871-883.
- LIVET, Pierre (2002). *Emotions et rationalité morale*, Presses universitaires de France - PUF.
- LUPTON, Deborah (1998). *The Emotional Self*, London, Sage.
- MEAD, George Herbert (1934). *Mind, Self and Society, from the standpoint of a social behaviourist*, Chicago, The University of Chicago Press, Vol I, pp. 133-209.
- PINTO, José Madureira (2001). «Ciências e progresso: convicções de um sociólogo», in *Cadernos de Ciências Sociais*, 21-22, pp. 33-69.
- RODRIGUES, Maria de Lurdes (1997). *Sociologia das profissões*, Celta, Oeiras.
- SCHEFF, Thomas (1990), *Microsociology: Discourse, Emotion, and Social Structure*, Chicago, The University of Chicago Press.
- SCHEFF, Thomas J. (1997). *Emotions, the Social Bond, and Human Reality, Part / Whole Analysis*, Cambridge University Press.
- SCHEFF, Thomas J. (1995). *Academic Gangs*, disponível em <http://www.soc.ucsb.edu/faculty/scheff/4.html>. Consultado em Abril de 2003.
- SCHEFF, Thomas (2002). *J. Shame in Self and Society*, disponível em <http://www.soc.ucsb.edu/faculty/scheff/3.html>; Consultado em Abril de 2003.
- SCHNAPPER, D. (2000). *A compreensão sociológica. Como fazer análise tipológica*, Lisboa; Gradiva Publicações.
- SMITH, Dennis (1991). «Taking Flight» in *The rise of historical sociology*, Cambridge, Polity Press, pp. 47-53.
- WEBER, Max (1964). *L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme*, Plon, Paris.